

II. C. Heius est Mamertinus - omnes hoc mihi qui Messanam accesserunt facile concedunt - omnibus rebus illa in ciuitate ornatissimus. Huius domus est uel optima Messanae, notissima quidem certe et nostris hominibus apertissima maximeque hospitalis. Ea domus ante istius aduentum ornata sic fuit ut urbi quoque esset ornamento; nam ipsa Messana, quae situ moenibus portuque ornata sit, ab his rebus quibus iste delectatur sane uacua atque nuda est.

4. Erat apud Heium sacrarium magna cum dignitate in aedibus a maioribus traditum perantiquum, in quo signa pulcherrima quattuor summo **artificio** [1], summa nobilitate, quae non modo istum hominem **ingeniosum et intellegentem**, uerum etiam quemuis nostrum, quos iste **idiotas** appellat, **delectare possent** [2], unum Cupidinis marmoreum Praxiteli; nimirum didici etiam, dum in istum inquiri, artificum nomina [3]. Idem, opinor [5], **artifex** [4] eiusdem modi Cupidinem fecit illum qui est Thespiis, propter quem Thespieae uisuntur; nam alia uisendi causa nulla est. Atque ille L. Mummius, cum Thespiadas, quae ad aedem Felicitatis sunt, ceteraque profana ex illo oppido signa tolleret, hunc marmoreum Cupidinem, quod erat consecratus, non attigit.

III. 5. Verum ut ad illud sacrarium redeam, signum erat hoc quod dico Cupidinis e

II. Todos aqueles que já visitaram Messana concordarão comigo: Caio Heio é o Mamertino mais distinto da cidade, em todos os aspectos. Se sua casa não for a melhor em Messana, é no mínimo a mais conhecida e, certamente, a mais aberta aos nossos cidadãos, extremamente hospitaleira. A casa, antes da aparição desse homem, era tão ornada, que era um ornamento para a própria cidade; mas Messana, embora ainda distinta pela posição, pelos fortes e por seu porto, está agora completamente vazia e privada das coisas com as quais esse aí tanto se compraz.

4. Havia na casa de Heio um sacrário de grande respeito, antiquíssimo, herdado dos antepassados, no qual se dispunham quatro estátuas belíssimas, de extremo requinte [1] e grande notoriedade, que tinham poder de deleitar não só esse homem aí, **entendido e entendedor**, mas para falar a verdade, deleitariam qualquer um de nós, a quem ele chama de **leigos** [2]. Havia uma estátua de mármore de Cupido feita por Praxíteles (enquanto investigava sobre esse homem, procurei me assegurar inclusive do nome dos artesãos [3]). O mesmo **artesão** [4], acho eu [5], fez um Cupido de maneira idêntica que está em Téspias, motivo pelo qual Téspias recebe visitantes – não existe nenhuma outra razão para visitá-la. Nem mesmo o famigerado Lúcio Múmio, embora tenha tomado as estátuas das Musas Tespiadas, que ficavam perto do templo da deusa Fortuna, e o resto das estátuas profanas daquela cidade, ousou tocar no Cupido de mármore: era algo sagrado.

III. 5. Enfim, voltando ao sacrário. Estava lá essa estátua de mármore, o Cupido, e, do

marmore, ex altera parte Hercules egregie factus ex aere. Is dicebatur esse Myronis, ut opinor, et certe [6]. Item ante hos deos erant arulae, quae cuius religionem sacrari significare possent. Erant aenea duo praeterea signa, non maxima uerum eximia uenustate, uirginali habitu atque uestitu, quae manibus sublatis sacra quaedam more Atheniensium uirginum reposita in capitibus sustinebant; Canephoroe ipsae uocabantur [7]; sed earum artificem - quem? quemnam? recte admones - Polyclitum esse dicebant [8]. Messanam ut quisque nostrum uenerat, haec uisere solebat; omnibus haec ad uisendum patebant cotidie; domus erat non domino magis ornamento quam ciuitati.

6. C. Claudius, cuius aedilitatem magnificentissimam scimus fuisse, usus est hoc Cupidine tam diu dum forum dis immortalibus populoque Romano habuit ornatum, et, cum hospes esset Heiorum, Mamertini autem populi patronus, ut illis benignis usus est ad commodandum, sic ipse diligens fuit ad reportandum. Nuper homines nobilis eius modi, iudices, - sed quid dico 'nuper'? immo uero modo ac plane paulo ante uidimus, qui forum et basilicas non spoliis prouinciarum sed ornamentis amicorum, commodis hospitem non furtis nocentium ornarent; qui tamen signa atque ornamenta sua cuique reddebant, non ablata ex urbibus sociorum atque amicorum quadridui causa, per simulationem aedilitatis, domum deinde atque ad suas uillas auferebant.

7. Haec omnia quae dixi signa, iudices, ab Heio e sacrario Verres abstulit; nullum, inquam, horum reliquit neque aliud ullum tamen praeter unum peruetus ligneum,

outro lado, um Hércules sem igual, esculpido em bronze. Dizia-se que era obra de Míron, como também acredito, e certamente era [6]. Havia ainda, diante desses deuses, pequenos altares que bastavam para indicar, a quem quer que fosse, o sentimento pio desse sacrário. Além disso, estavam ali outras duas estátuas de bronze, mas de imensa e exímia beleza, com ares e trajés virginais, segurando nas mãos erguidas o conteúdo sacro apoiado sobre a cabeça, à moda das virgens Atenenses. [7] Tais estátuas eram chamadas Canéforas, mas seu artesão – quem era? quem mesmo? bem lembrado! – diziam que era Policleto [8]. Qualquer um de nós, tão logo visitasse Messana, costumava já ir visitar todas essas estátuas. Ficavam expostas todos os dias, para todos irem vê-las – a casa não era para o dono maior motivo de adorno do que para a cidade.

6. Caio Cláudio, cuja carreira de edil sabemos ter sido gloriosíssima, valeu-se desse Cupido durante todo o tempo em que manteve o fórum ornado em honra aos deuses e ao Povo Romano e, quando foi hóspede dos Heios e patrono do povo Mamertino, se por um lado se serviu dos homens bondosos ao emprestar, por outro ele próprio foi cuidadoso ao devolver. Recentemente, juízes, mas por que digo “recentemente”? Há pouco tempo, para dizer a verdade, agora mesmo, nós vimos homens nobres que ornamentavam o fórum e outros edifícios de circulação pública, não com espólio de províncias, mas com ornamentos de amigos, com empréstimos de hóspedes, não com roubos de criminosos; vimos quem devolvia a cada um suas estátuas e ornamentos, em vez de retirá-los de cidades aliadas e amigas por pretensos quatro dias, simulando edilidade, para depois levá-los para casa ou mobiliar suas vilas.

7. Todas essas estátuas que citei, juízes, Verres roubou do sacrário de Heio; nenhuma delas deixou, eu garanto, nenhuma, a não ser uma de madeira, muito velha, da Boa Fortuna, creio eu; essa ele não quis ter em

Bonam Fortunam, ut opinor; eam iste habere domi suae noluit [9].

IV. Pro deum hominumque fidem! quid hoc est? quae haec causa est, quae ista impudentia? Quae dico signa, antequam abs te sublata sunt, Messanam cum imperio nemo uenit quin uiserit. Tot praetores, tot consules in Sicilia cum in pace tum etiam in bello fuerunt, tot homines cuiusque modi - non loquor de integris, innocentibus, religiosis - tot cupidi, tot improbi, tot audaces, quorum nemo sibi tam uehemens, tam potens, tam nobilis uisus est qui ex illo sacrario quicquam poscere aut tollere aut attingere auderet: Verres quod ubique erit pulcherrimum auferet? nihil habere cuiquam praeterea licebit? tot domus locupletissimas istius domus una capiet? Idcirco nemo superiorum attigit ut hic tolleret? ideo C. Claudius Pulcher rettulit ut C. Verres posset auferre?

At non requirebat ille Cupido lenonis domum ac meretriciam disciplinam; facile illo sacrario patrio continebatur; Heio se a maioribus relictum esse sciebat in hereditate sacrorum, non quaerebat meretricis heredem.

8. Sed quid ego tam uehementer inuehor? uerbo uno repellar. 'Emi,' inquit. Di immortales, praeclaram defensionem! **Mercatorem** [10] in prouinciam cum imperio ac securibus misimus, omnia qui signa, tabulas pictas, omne argentum, aurum, ebur, gemmas coemeret [11], nihil cuiquam relinqueret! Haec enim mihi ad omnia defensio patefieri uidetur, emisse. Primum, si id quod uis tibi ego concedam, ut emeris, - quoniam in toto hoc genere hac una defensione usus es, - quaero cuius modi tu iudicia Romae putaris esse, si tibi hoc quemquam concessurum putasti, te in praetura atque imperio tot res tam pretiosas [12], omnis denique res quae alicuius preti fuerint, tota ex prouincia coemisse?

casa [9]

IV. Que os deuses e os homens sirvam de testemunha! O que se passa? Este processo é o quê? Que descaramento é este? Ninguém com autoridade ia até Messana sem passar para ver essas estátuas que citei – antes, claro, de você as ter levado. Tantos pretores, tantos cônsules estiveram na Sicília, na paz, até mesmo na guerra, tantos homens de todo tipo - não falo dos honestos, dos íntegros, dos escrupulosos – falo dos tantos cobiçosos, desonestos, atrevidos, dentre os quais não havia nenhum que se achasse tão arrojado, tão poderoso, tão notável, a ponto de ousar pedir, levar, ou tocar algo daquele sacrário! Ora, Verres roubará o que houver de mais belo em cada canto? Ninguém mais pode ter nada? Uma só casa, a dele, engolirá todas as mais opulentas casas? Então ninguém dos antecessores pôs a mão para que ele viesse e pegasse? Caio Cláudio Pulcro devolveu para isso, só para que Caio Verres pudesse roubar?

E o Cupido não desejava nem casa de café nem vida de meretriz; ele se continha naquele sacrário tranquilamente; Heio sabia que ele havia sido deixado pelos antepassados como herança sagrada: não queria uma meretriz como herdeira.

8. Mas por que o ataco tão duramente? Serei refutado numa só palavra: “Comprei”, afirma. Deuses imortais, que defesa mais brilhante: enviamos à província um **feirante** [10] investido de poder consular para comprar por atacado todas as estátuas, pinturas, toda a prata, todo o ouro, o marfim, as pedras preciosas [11], sem deixar nada a ninguém! Tal defesa, a meu ver, ele parece utilizar para todas as acusações: que ele “comprou”. Primeiro, se eu ceder no que você quer e concordar que você comprou – afinal para todo tipo de acusação você utilizará essa única defesa – quero saber de que forma pensou que funcionava o tribunal em Roma, se pensou que alguém concordaria que você, investido do poder de pretor, teria comprado tantas coisas tão caras [12] de uma só vez, ou ainda qualquer uma que tivesse algum valor, ao longo de toda a província?

